

INTENCIONALIDADES DOS SUJEITOS DA AGRICULTURA ORGÂNICA EM SALTO DO LONTRA - SUDOESTE DO PARANÁ - BR

Suzana Gotardo de Meira
suzanagmeira@hotmail.com

Luciano Zanetti Pêsoa Candiotta
lucianocandiotta@yahoo.com.br

Resumo: Apresentamos alguns resultados obtidos através da pesquisa de mestrado que estamos desenvolvendo, e também pesquisas vinculadas ao GETERR (Grupo de Estudos Territoriais) da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Francisco Beltrão – PR, que há alguns anos vêm discutindo a temática da agricultura orgânica e da agroecologia. A análise da agricultura orgânica através das intencionalidades permite apreender os objetivos (explícitos e implícitos) dos sujeitos em relação a essa forma de agricultura, considerando a atuação de agricultores e técnicos e as diversas relações e territorialidades estabelecidas. Neste artigo temos por objetivo compreender as intencionalidades dos sujeitos envolvidos com a agricultura orgânica no município de Salto do Lontra – Sudoeste do Paraná, através de levantamentos bibliográficos e realização de entrevistas com os agricultores do município e com representantes de instituições envolvidas com a agricultura orgânica.

Palavras-chave: Intencionalidade; Agricultura orgânica; Salto do Lontra - PR; Agricultores, Técnicos.

Introdução

Ao desenvolver estudos sobre a Agroecologia em alguns municípios do Sudoeste do Paraná, no âmbito do GETERR (Grupo de Estudos Territoriais), percebemos que as discussões em torno desta temática carecem ainda de um maior aprofundamento. As pesquisas e reflexões que membros do GETERR vêm realizando sobre essa temática estão baseadas em uma abordagem multidimensional do conceito de Agroecologia, que procura considerar aspectos ambientais, sociais, econômicos e políticos. O objetivo desse artigo está em compreender quais são as intencionalidades dos sujeitos envolvidos com a agricultura orgânica no município de Salto do Lontra, localizado no Sudoeste do estado do Paraná, Brasil.

A metodologia para realização desse artigo consistiu em levantamentos bibliográficos de autores que abordam o conceito de intencionalidade, em algumas reflexões acerca desse conceito e na tentativa de aplicação em uma realidade empírica específica. Para tanto, realizamos entrevistas com os agricultores e com representantes de instituições envolvidas com a agricultura orgânica no município.

Os agricultores que praticam a agricultura orgânica estão inseridos em múltiplos territórios, decorrentes da sobreposição e coexistência de suas territorialidades materiais e imateriais e de diferentes temporalidades, que por sua vez, são condicionadas pelas intencionalidades desses agricultores, bem como de outros sujeitos sociais.

O município de Salto do Lontra, tem uma área de 312,717 Km², uma população de 13.689, sendo 54 % urbana e 46 % rural (IBGE cidades 2010). Ele foi criado no ano de 1964 e tem na agricultura sua base econômica. Os principais produtos cultivados na região Sudoeste do Paraná e no município, são a soja, o milho e o trigo¹.

Em Salto do Lontra as discussões relacionadas à agricultura orgânica tiveram início em 1997, através do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, por iniciativa da EMATER e Secretaria Municipal de Agricultura, começando pela capacitação, mobilização e sensibilização dos agricultores através do grupo de Agroecologia do Projeto Integrado dos Municípios do Reservatório da Usina de Salto Caxias (PRÓ-CAXIAS) (SAQUET, et al. 2012). Atualmente são apenas cinco produtores de alimentos orgânicos, organizados através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e da Cooperativa de Comercialização da Agricultura Familiar Integrada (COOPAFI).

Buscamos aqui apresentar algumas respostas para as seguintes questões: 1) Quais as intencionalidades dos agricultores em desenvolver a agricultura orgânica e/ou agroecológica? 2) Quais as intencionalidades de outros sujeitos envolvidos (técnicos, políticos)?

As intencionalidades destes agricultores em produzir orgânicos estão diretamente relacionadas à saúde da família (seja para evitar problemas já ocorridos com o uso de agroquímicos, seja como prevenção contra doenças); agregação de valor aos produtos e, sobretudo à produção de alimentos para o consumo familiar. Para maior compreensão da temática abordada, faremos uma breve discussão teórica do conceito de intencionalidade e, posteriormente de como esta é apreendida pelas entidades e agricultores que trabalham com a agricultura orgânica em Salto do Lontra.

Intencionalidades

A definição do Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa, nos mostra que intencionalidade é relativo à intenção: “1. Ato de tender, intento, tenção; 2. Vontade, desejo, pensamento; 3. Propósito, plano, deliberação.” (FERREIRA, 1988, p. 365).

Segundo Coelho Junior (2002), a consciência não pode ser concebida como algo independente do mundo, de objetos, de outras pessoas. Sendo assim, a concepção de uma consciência intencional, é sempre consciência “de” “de algo”. Baseado nos estudos de Edmund Husserl², Coelho Junior (2002) diz ser a intencionalidade algo intrínseco ao ato de conhecimento, uma vez que é característica do mesmo sempre se referir a alguma coisa, a algum objeto. “Assim, o conhecimento para Husserl implica

¹ Candioto et al. (2012), apresentam um caracterização mais detalhada de Salto do Lontra.

² O ideal da filosofia “*husserliana*” se expressa através da determinação em atribuir peso científico à filosofia com o intuito de atingir outras ciências, partindo de uma base sólida de pensamento e uma fundamentação rigorosa. (Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/edmund-husserl/>>).

em uma consciência intencional, que não é consciência em si, mas sempre consciência de alguma coisa.” (p.98).

Sabendo que o espaço é uma categoria basilar da Geografia, e entendendo que este é constituído por um sistema de objetos e de ações (Santos, 2009), dinâmico e em constante transformação em decorrência da interação social com o meio biofísico, devemos considerar que as mudanças ocorridas através do tempo são fruto das relações cotidianas dos homens e dos objetivos explícitos e implícitos dos diversos sujeitos e instituições, manifestados no conceito de intencionalidades. As intencionalidades influenciam no processo de territorialização e estão vinculadas às territorialidades e às temporalidades. Assim, procuramos entender quais as intencionalidades dos agricultores em desenvolver a agricultura orgânica, e também dos outros sujeitos com a agricultura orgânica e a agroecologia.

[...] a noção de intencionalidade não é apenas válida para rever a produção do conhecimento. Essa noção é igualmente eficaz na contemplação do processo de produção e de produção de coisas, considerados como um resultado da relação entre o homem e o mundo, entre o homem e o seu entorno (SANTOS, 2009, p. 90).

As intencionalidades são fundamentais na configuração de objetos e ações, e conseqüentemente, no uso do território e na transformação do espaço. Elas influenciam a materialidade dos lugares, assim como as verticalidades e horizontalidades presentes nos lugares.

A intencionalidade também reflete diretamente na construção de algo, algo que um indivíduo ou determinado grupo social irá produzir sobre o território em que vive, através de múltiplas relações.

[...] tema central da geografia não é separadamente os objetos, nem as ações, mas objetos e ações tomadas em conjunto. A ação é tanto mais eficaz quanto os objetos são mais adequados. Então, à intencionalidade da ação se conjuga a intencionalidade dos objetos, e ambas são, hoje, dependentes da respectiva carga de ciência e de técnica presente no território (SANTOS, 2009, p. 94).

Com base nas considerações de Milton Santos, Candiotto (2007, p. 52), entende que a “noção de *intencionalidade* permite avançar nas relações entre objeto e ação”. Portanto, para compreender como se dá a produção e transformação dos lugares e dos territórios, é salutar considerar as intencionalidades.

Os objetos que conformam os sistemas técnicos atuais são criados a partir da intenção explícita de realizar uma função precisa, específica. Essa intencionalidade se dá desde o momento de sua concepção, até o momento de sua criação e produção. A construção e a localização — a inepção — dos objetos estão subordinados a uma intencionalidade que tanto pode ser puramente mercantil quanto simbólica, senão uma combinação das duas intencionalidades (SANTOS, 1994, p. 50)

Observando as colocações dos autores citados sobre o conceito de intencionalidade, percebemos que o mesmo é fundamental para a apreensão das dinâmicas territoriais, pois o poder é exercido a partir de intencionalidades, e vice-versa, seja por um cidadão comum, mas principalmente por sujeitos que centralizam o poder, seja político, econômico ou ideológico. Porém, é preciso considerar o fato de que nem sempre ações intencionadas, levarão aos resultados esperados, podendo conduzir a resultados não intencionados. “Uma razão pela qual não se pode prever completamente o resultado da ação vem do fato de que a ação sempre se dá sobre o meio, que tem o poder de deformar o impacto da ação.” (SANTOS, 1996, p. 76). Conforme aponta Candiotto (2007), este meio é o lugar, onde as ações se materializam através dos objetos. De forma geral, predominam as ações daqueles sujeitos ou grupos com maior poder, de modo que estes acabam influenciando na aceitação e na materialização de suas intencionalidades, que podem ser explícitas ou implícitas.

A intencionalidade é compreendida por nós como uma vontade, um desejo, que por algum motivo se quer realizar, através de ações e se materializar através de objetos na paisagem. Depende de vários fatores, mas pode revelar os verdadeiros objetivos de determinadas ações e objetos. Desta forma, a intencionalidade está diretamente relacionada à produção do território e, por consequência, das territorialidades e temporalidades dos atores presentes no lugar.

Entidades parceiras da Agricultura Orgânica em Salto do Lontra - PR

As principais entidades parceiras no trabalho com a agricultura orgânica no município citadas pelos próprios agricultores, são: o Sindicato dos Trabalhadores Rurais - STR, o Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER, a Prefeitura Municipal, a Cooperativa de Crédito Solidário - CRESOL, a Cooperativa de Comercialização da Agricultura Familiar Integrada - COOPAFI e a Cooperativa de Leite da Agricultura Familiar - CLAF. Em cada uma dessas entidades realizamos entrevistas com o responsável pela mesma, e naquelas em que há técnicos, também realizamos a entrevista com os técnicos, a fim de compreendermos de que forma estas entidades vem trabalhando e discutindo a questão da agricultura orgânica em Salto do Lontra e quais são suas intencionalidades com a mesma.

Quando questionado sobre a existência de políticas de apoio a agricultura orgânica, o secretário de agricultura do município diz apenas que existe um começo, porém não há orçamento específico para tal e nem mesmo a disponibilização de um técnico para orientação dos agricultores. Quando havia agricultores certificados, até 2008, quando se extinguiu a associação, um técnico exclusivo acompanhava a produção, mas hoje não há mais. O técnico fazia uma planilha de plantio, de forma que a produção fosse organizada para fazer uma cesta de produtos orgânicos, composta por

olerícolas e frango, que eram entregues na cidade. Esse sistema funcionou bem durante um tempo, mas devido à dificuldade de comercialização, o técnico relata que foi extinto por volta do ano de 2005.

O secretário relata que não há a aquisição de produtos orgânicos para a merenda escolar, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do Governo Federal e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNNAE), porque os produtores não tem certificação. São adquiridos produtos da agricultura familiar de agricultores que produzem de forma orgânica, porém não há uma especificação no produto e nem mesmo agregação de valor por não ser certificado. Ele acredita que os agricultores não são certificados pelo custo da certificação.

Sobre as perspectivas futuras da agricultura orgânica no município, o secretário destaca que há um potencial de crescimento no sentido da população estar cada vez mais esclarecida sobre os malefícios da utilização de agrotóxicos. Menciona o mercado da COOPAFI e a feira-livre como pontos de comercialização, porém enfatiza, *“esses produtos são quase orgânicos, não são porque não tem certificação”*. Em nível regional afirma existir a ideia da concretização de um frigorífico de frango orgânico, *“só que às vezes não passa da ideia. Antes era mais forte, agora está mais fraco. Essa ideia do frango orgânico de vender nos mercados é bem forte porque já tem equipamentos, já tem terreno, falta o barracão”*. Também destaca a mudança de governo, pois existem prefeitos e administradores que se interessam pelo assunto, outros não.

Na tentativa de apreender as intencionalidades do secretário em relação à agricultura orgânica, primeiramente observamos que seu discurso é favorável à agricultura orgânica e que tentou passar uma mensagem de que acredita nessa forma de agricultura. Contudo, ele se mostrou inseguro e com pouco conhecimento sobre o tema. A principal intencionalidade demonstrada com a entrevista está em mostrar aos entrevistadores da universidade que há uma preocupação com a questão, porém, percebemos que não há efetivamente uma intencionalidade em incentivar a agricultura orgânica no município – onde predomina a agricultura convencional. A afirmação de que os agricultores que não são certificados não são orgânicos, indica o desconhecimento do secretário a respeito do assunto, e o fato de apenas dizer que falta barracão e de não apresentar alguma proposta de apoio, indica que a agricultura orgânica não faz parte da plataforma de governo do município.

Outro entrevistado foi um técnico da COOPAFI, que afirmou ter iniciado seus trabalhos com agricultura orgânica através de alguns treinamentos feitos pelo Instituto Maytenus no município, há aproximadamente 8 anos atrás. Posteriormente realizou capacitação, em Francisco Beltrão, com a EMATER que não trabalha exclusivamente com agricultura orgânica, mas que abordou o tema. Iniciou seu trabalho realizando visitas aos produtores e procurando orientá-los. Afirmou ter tido dificuldade no início. Também busca conhecimentos sobre agricultura orgânica com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR.

Em relação às principais dificuldades relatadas sobre a produção orgânica, destaca que cada cultura tem sua especificidade. Para o técnico, as principais dificuldades quanto a comercialização estão na falta de conscientização dos consumidores. *“Existem problemas também de regularidade, tem época do ano que tem produto, tem época que não tem, e isso às vezes desestimula o consumidor”*.

Quando surge algum problema que não consegue solucionar através da COOPAFI, disse que recorre a parceiros como outros técnicos da EMATER ou ao agrônomo da Secretaria da Agricultura, e até mesmo a alguém da vigilância sanitária. Observamos que o técnico conhece os fundamentos da agricultura orgânica e que acredita que seja uma alternativa para a agricultura familiar. No entanto, não há uma intencionalidade explícita de apoio e preocupação com o desenvolvimento da agricultura orgânica no município. O apoio fica mais no discurso do que na prática.

A entrevistada responsável pela COOPAFI relata que a mais de 10 anos a entidade trabalha com agricultura orgânica. Os objetivos e os propósitos em relação a esta forma de produzir é organizar os agricultores familiares para que produzam alimentos saudáveis, e levar até eles as informações necessárias para que esses alimentos sejam de boa qualidade e possam contribuir para prevenção de vários tipos de doenças oriundas dos agrotóxicos.

Do total de famílias associadas à COOPAFI, 6 produzem orgânicos, sendo que 5 são totalmente orgânicas e 1 combina a agricultura orgânica com a convencional. Em relação à assistência técnica que a COOPAFI presta aos agricultores, pode ser tanto individual quanto coletiva. São realizadas capacitações em grupo, que leva as informações para outras pessoas, valorizando a produção orgânica e conscientizando outros sujeitos.

Destaca que as principais entidades parceiras com da agricultura orgânica são a CRESOL, Secretaria da agricultura que colabora com um técnico, o STR, principal colaborador, a EMATER, que tem um técnico que acompanha algumas atividades e a CLAF, que também faz acompanhamento.

Quanto aos problemas, relata dificuldade com a certificação dos produtos. Os produtos são produzidos e vendidos no mercado da COOPAFI, mas não são identificados como orgânicos, *“quem sabe que é produto orgânico procura bem mais”*. Os produtos também são comercializados através dos programas PAA e PENAE, para merenda escolar. *“Quando se fala que tem um orgânico a questão é diferente, as pessoas procuram mais, mas ainda não está identificado”*.

Na COOPAFI é cobrada uma taxa no valor de R\$ 100,00 para se associar. Para manter a cooperativa, é cobrado 3% das vendas realizadas, utilizados para o pagamento de funcionário e despesas em geral. Os principais produtos orgânicos produzidos e comercializados são verduras, frutas e legumes. Das frutas, destaca-se a banana e os cítricos, porém sem certificação.

Atualmente, não existe uma organização ou associação de agricultores orgânicos no município, apesar da entrevistada afirmar que já existiu. Segundo ela, há intenção de formar uma associação, mas isso ainda é bastante incipiente.

Em relação aos problemas e avanços com a produção orgânica, destaca que existe uma grande dificuldade em relação à falta de mão de obra, pois é maior para produzir orgânicos. Na opinião da entrevistada, as famílias dos agricultores são pequenas e há uma forte evasão dos jovens. Quanto à comercialização, estão tentando diferenciar os produtos na COOPAFI, mas a dificuldade está em comprovar que é orgânico. Relata que precisam de apoio para certificar os produtos, podendo assim comprovar que são livres de insumos químicos e então agregar valor a venda, principalmente para o PAA, que paga 30% a mais se o produto for certificado. Porém, diz que no momento estão vendendo como se fosse convencional.

A entrevistada reside há 40 anos em Salto do Lontra. Sua formação é de Técnica em Gestão Pública pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Compreende a agroecologia como saúde, por ser um produto livre de agrotóxicos. Por outro lado, acha pouco valorizado, pois os consumidores reclamam na diferença de preço dos produtos orgânicos. Mesmo assim vê um futuro muito bom para os orgânicos, porém há de ter mais apoio do Governo Federal e Estadual, principalmente na questão de incentivo à produção. Relata que os agricultores também precisam se organizar e reivindicar benefícios já existentes.

Além de trabalhar na COOPAFI, a entrevistada também é agricultora. Ela afirmou que já produzia orgânicos há 20 anos, desde que era feirante. É presidente da COOPAFI, diretora da ação social, sempre trabalhou na área da agricultura, trabalha com as entidades parceiras, é sindicalista, trabalha com a questão de cooperativismo e gênero. Possui propriedade rural, mas não reside na mesma. Consome produtos orgânicos da feira.

Em relação ao futuro da agroecologia no município destaca que o desafio é grande. *“Em geral se tem pouca expectativa para trabalhar com orgânicos. Falta muita conscientização da população em valorizar o produto orgânico. As pessoas não tem consciência que nem sempre o produto orgânico é tão vistoso como os outros, mas é muito mais saudável. Não só em Salto do Lontra, mas em toda a região, deveria ter um projeto muito bem elaborado e ampla divulgação para trabalhar a questão dos orgânicos”.*

Fica evidente no discurso da entrevistada que ela possui um bom conhecimento sobre o assunto, inclusive por ser adepta da agricultura orgânica. Apesar do desânimo demonstrado em relação aos consumidores e aos poucos agricultores envolvidos, ela acredita na viabilidade da agricultura orgânica e possui intencionalidades vinculadas à preocupação com o desenvolvimento

desta. Contudo, a intencionalidade da COOPAFI está mais ligada a questões econômicas do que a contribuir para o fortalecimento da agricultura orgânica.

Na CRESOL, foram entrevistados juntos, um técnico e o presidente da cooperativa. Eles relatam que dos 1.300 associados da CRESOL, aproximadamente 6 trabalham com agricultura orgânica. O presidente da Cresol trabalhou 11 anos na agricultura orgânica e atualmente utiliza insumos químicos em sua lavoura, mantém apenas um parreiral orgânico de 1.000 pés, e afirmou que deixou a agricultura orgânica pelo fato de não ter mais tempo para cultivar a lavoura de forma orgânica, pois divide seu tempo entre o trabalho na propriedade e na Cresol.

A cooperativa em si não presta assistência técnica a agricultores orgânicos. O processo de assistência para os agricultores é realizado através da própria empresa que compra a soja, a Gebana. No caso dos produtores de grãos, a empresa oferece um pacote de serviços onde vem desde as sementes, os insumos que são utilizados na agricultura, assistência técnica, visitas, e a certificação da propriedade. Os produtores também financiam a soja orgânica, são associados da cooperativa, mas não há uma assistência direta.

Em relação ao destino da produção orgânica destacam a soja, que é exportada para a Suíça através da Gebana. Outros agricultores, que não são muitos, entregam verduras e frutas nos programas de aquisição de alimentos do governo, além da feira semanal dos agricultores associados ao sindicato, realizada aos sábados pela manhã.

Afirmam que a associação de produtores orgânicos no município está parada. A comercialização em 2011 foi realizada e os agricultores faziam essa comercialização através do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ da associação para o PAA. Porém, a associação não está mais em atividade. No início, a associação trabalhou com 33 associados, depois baixou para 12 o número de sócios. Esses associados plantavam soja. *“O pessoal quando entra em um negócio novo pensam que vão entrar para ganhar dinheiro com isso. Mas não é assim, tem que conhecer primeiro para depois saber o que é entidade, o que é associação e tal. O outro pessoal que entrou e foram ficando com a menor fatia de repente foram se afastando”*. Para o entrevistado é na verdade é uma seleção natural, pois o pessoal iniciou com empolgação, mas depois a associação ficou restrita a uns 10 associados e foi diminuindo a questão de plantio de soja, restando apenas os persistentes. Quatro produtores se desligaram da associação e passaram a negociar direto com a empresa Gebana. *“Faz uns 4 anos que a associação está parada”*.

Há produtores que cultivam cana-de-açúcar e derivados, o açúcar mascavo, o melado, rapadura, pé de moleque e olerículas. Foi trabalhado um tempo com o frango orgânico, e ainda comercializam no PAA. Suco de frutas (uva, laranja, maracujá) também são comercializados.

Os principais avanços e problemas na produção de alimentos orgânicos para os entrevistados *“é a falta de mão de obra, erosão no solo, o sol muito quente, a dificuldade é o calor, falta bastante tecnologias também, ficou um pouco parado, agora que está se desenvolvendo um pouquinho mais de tecnologia, está sendo desenvolvida uma máquina que desseca através de choque elétrico”* (Eletroherb, prospecta), sendo que um dos agricultores orgânicos esteve trabalhando com essa nova tecnologia. Mas é só um experimento. É alugada pela Gebana de São Paulo. Em relação a comercialização apontam avanços na questão de preços que são bem diferenciados. *“Existe uma porcentagem boa acima, 40% na soja. Dificuldade em comercializar não há, o que se produz vende, principalmente a soja. Existe até uma disputa entre as empresas pelo produto”*.

Para o técnico, a agroecologia é mais completa que a agricultura orgânica, pois envolve toda a unidade produtiva, desde o convívio familiar e o ambiente. O presidente destaca que trabalhava mais o orgânico, não o agroecológico. O técnico relata que desempenhava funções na Secretaria de Agricultura, trabalhou com agricultores orgânicos durante 5 anos, fazia visitas, relatórios, fazia todo o planejamento da propriedade, no período de 2000 a 2005. Após 2005, passou a desempenhar apenas funções na cooperativa.

Sobre o consumo de produtos orgânicos, o técnico destaca que não tem a preocupação de consumismo, mas procura quando vai para a casa de seu pai trazer alimentos porque sabe que no produto não foi usado agrotóxico. A COOPAFI tem o mercado do produtor, mas não tem o hábito de ir comprar os produtos orgânicos no estabelecimento.

O presidente da CRESOL destaca que no Brasil é muito baixo o consumo de produtos orgânicos. Nas grandes capitais se comercializa mais, mas nas pequenas cidades é baixíssimo o consumo.

No município, os agricultores que são certificados são os que trabalham em parceria com a Gebana. Até 2005 era o IBD quem certificava, mas a partir do fechamento da associação a própria Gebana passou a certificar.

Em relação aos problemas com a certificação, destacam que é muito caro. *“O IBD, por exemplo, é muito poderoso para o pequeno agricultor, vinham fazer a inspeção para nós dentro do grupo e era R\$ 3.600,00 até R\$ 4.000,00, dependia da área do inspetor, quanto de área iria atuar na associação, e aquilo tudo era pago, desde a diária, o deslocamento, quilometragem. Hoje o pessoal já estão procurando um outro tipo de inspeção, tipo a inspeção da Rede Ecovida”,* que é mais barata e mais acessível.

Em relação ao futuro da agricultura orgânica no município, destacam que está cada vez mais difícil, pois os filhos estão saindo, a idade dos pais vai chegando e a falta de mão de obra é crescente. Destacam também que a produção dos agricultores ainda é pequena e o comércio também.

Atualmente os produtores comercializam através do PAA e PNAE, e tem todo um planejamento da produção, mas no início, batiam de porta em porta para comercializar. Em nível de região acreditam que a situação é parecida, mas que existe saída, pois tem produção. Foi a chegada da usina hidrelétrica de Salto Caxias que movimentou essa questão, (como relatado no início deste artigo) mas enquanto tinha um grupo gestor trabalhando com isso, esse grupo teve lucros, porque mantinha uma equipe técnica trabalhando com os agricultores e faziam os projetos, em parceria com o Instituto Maytenus. *“Enquanto eles estavam juntos, funcionava nos municípios, a partir que o Maytenus sugou tudo que tinha que sugar dos projetos e que não vinha mais verbas para eles, eles foram se retirando e com essa retirada deles os grupos foram enfraquecendo e não tinha ninguém para trabalhar essa questão.”* Então foram se dispersando.

A intencionalidade do técnico e do presidente da CRESOL, assim como da entidade é mais econômica do que ideológica, pois o presidente deixou de cultivar toda sua propriedade de forma orgânica em função de um trabalho melhor remunerado na cooperativa de crédito. O técnico também deixou de desempenhar atividades relacionadas à agricultura orgânica e atualmente trabalha exclusivamente na cooperativa. De modo geral, percebemos que a Cresol também não tem uma preocupação efetiva com a agricultura orgânica, apesar de apoiar a causa. Ambos comentam sobre o declínio do movimento, e justificam esse declínio pelo fato dos técnicos que apoiavam a agricultura orgânica terem se retirado.

Entrevistamos também o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), que relatou que a instituição trabalha com a organização dos agricultores sobre a questão da previdência e a questão do crédito para o agricultor. Também existe uma demanda grande em relação a habitação rural. Quanto à atuação do sindicato com a agricultura orgânica, o entrevistado relata que possui uma propriedade onde opta em trabalhar protegendo o meio ambiente e produzindo os produtos para que o ser humano possa comer sem problema algum. Então, possui essa linha de trabalho também no STR, procurando organizar os agricultores para que eles possam estar produzindo sem insumos químicos.

O STR nos anos 80 trabalhava a questão da agricultura orgânica e da agroecologia, em parceria com a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural - ASSESOAR, que atua nessa linha, Desde os anos 1980, o sindicato tem pregado isso. No passado muitos grupos faziam esse trabalho com a agroecologia.

Em relação aos objetivos, e propósitos do STR sobre a agricultura orgânica, possuem um debate interessante desde a questão de preservar o meio ambiente. *“Quando se preserva o meio ambiente já está dentro de um processo que dá para dizer que você debate muito a questão da agroecologia”.* Enquanto entidade, organização, trabalham com os agricultores de forma bastante

interessante, levando e buscando informações, fazendo intercâmbios com outras regiões para que os agricultores tenham esse interesse em preservar o meio ambiente e produzir alimentos de qualidade.

Dos associados do sindicato, afirma que havia um grupo de 25 famílias no município que trabalhava com a agroecologia, mas atualmente são 5 famílias nas seguintes comunidades: 1º de Maio, Santa Terezinha, Bom Fim, São Luis, Pio X. Diz que não tem técnico do STR que trabalha com os agricultores. No passado quando discutiam CRESOL, CLAF, STR, teve um técnico que foi sendo preparado para trabalhar dentro das entidades nessa área, mas atualmente fica apenas na CRESOL.

Afirma que atualmente, praticamente não existe uma organização de agricultores orgânicos no município. Havia uma associação até 2011, mas foi dissolvida. Hoje quem dá sustentação para os agricultores é a COOPAFI. Já havia uma discussão antiga, portanto tinha um grupo que produzia, que já fazia adubação verde para não usar os químicos. Nos anos 1980 e a partir do projeto Pró – Caxias, a agricultura orgânica teve maior evidência no município.

Para ele, os principais produtos orgânicos cultivados no município são verduras, produção de frango sem a presença de ração, a mandioca, batata e a soja orgânica.

Em relação aos avanços e problemas na comercialização de alimentos orgânicos no município, destaca que tem mais entraves do que avanços. Não conseguem agregar um valor por ser orgânico, pois depende de intensa mão de obra. Outro elemento é de que a população precisa se conscientizar para se alimentar com produtos orgânicos. *“É uma alimentação mais saudável, mas as pessoas compram pelo preço. A produção convencional pode cobrar menos, pois produz em grande quantidade”*. Quanto à questão dos programas de Governo, há uma agregação de 30% do valor pago pelo produto orgânico. Nesse sentido, há um avanço, mas no geral são poucos incentivos. Sobre a produção destaca que o maior entrave é a mão de obra. *“Hoje a maior parte da juventude não trabalha na lavoura, se formam, terminam o segundo grau aqui e se preparam para buscar um emprego fora, e existe essa dificuldade de manter o jovem no campo”*. Na opinião do entrevistado, dependendo da propriedade e do que se produz, ganha-se muito mais trabalhando na lavoura do que na cidade.

Em relação às questões pessoais, o entrevistado relata que reside no município de Salto do Lontra desde 1983. É agricultor familiar e sempre trabalhou na agricultura para melhorar sua propriedade e qualidade de vida. Teve pouco estudo.

Quanto à diferença entre agricultura orgânica e agroecologia, destaca que *“o produtor orgânico em sua propriedade possui uma área para produzir sem componentes químicos, mas o resto pode ser convencional. O agroecológico olha a área total, defende e protege a área total.”* Desde 1996 está tentando trabalhar com a agricultura orgânica, mas já fazia alguns trabalhos com a ASSESOAR desde 1980.

Consome produtos orgânicos de sua propriedade, compra a semente e faz sua própria produção. Trabalhava com o químico, mas parou por questão de intoxicação, e passou a produzir produtos sem agrotóxicos. Iniciou o trabalho através da secretaria de agricultura com um grupo de agricultores.

Busca conhecimentos sobre a agricultura orgânica na ASSESOAR. Destaca que é uma parceria de grande valia. Teve também um estudo do Terra Solidária, que é um estudo diferenciado para a agricultura familiar que a Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar - FETRAF trabalhou. Disse que havia vários grupos e participou da 1ª turma da região. Também tinha um debate dentro do Pró – Caxias, uma entidade que trazia a discussão sobre orgânicos, de modo que foram realizadas algumas palestras. Afirmou que o Instituto Maytenus levou aproximadamente 30 técnicos para sua propriedade para comprovar que a produção era orgânica.

São usados muitos produtos naturais para solucionar problemas de fungos e plantas invasoras, por exemplo, para alimentar a cultura faz o próprio biofertilizante, faz supermagro, faz uréia caseira, e caldas. Quando tem a presença de insetos usa repelentes, também usa o alho, a pimenta, o próprio fumo para repelir os insetos, a própria urina das vacas serve de uréia para alimentar as plantas.

Não tem agricultores certificados no município, tinha uma vez quando existia a associação certificação pelo Instituto Biodinâmico – IBD, mas era inviável pelo alto valor cobrado. *“O próprio lucro que tinha acabava sendo apenas para certificar a produção, desta forma não compensava. Foi até tentado buscar outra certificadora que tivesse um preço mais acessível, a Rede Ecovida, mas não conseguiram acompanhar pela questão de que os agricultores não se dispuseram de tempo para buscar esses benefícios”*. Destaca que com a certificação estaria desfrutando de 30% a mais pela produção, mas não pode garantir que é orgânico porque não tem o certificado. Vende seus produtos na feira, no mercado, nos programas do governo e também diretamente.

Em relação ao futuro da agroecologia no município destaca que é um grande desafio produzir, mas vê que há espaço aberto, um campo para se expandir, mas a princípio vê as pessoas muito fechadas, devido a falta de mão de obra e as maiores facilidade de se trabalhar com o convencional. Acha que tem uma dificuldade grande para produzir orgânicos, mas em geral, tem potencial para expansão. Em sua propriedade, quando terminar o mandato no sindicato, pretende aumentar a produção.

No nível de região sudoeste sobre a situação da agroecologia, possui um pensamento positivo, pois acredita nisso. *“É um campo muito grande para ser explorado e que alguém vai explorar.”* Mas atualmente nas pequenas propriedades só estão ficando os mais velhos, já que não trabalham mais com a enxada, é complicado, mas enfatiza *“alguém vai explorar isso”*.

Destaca que na feira não gosta de misturar os seus produtos com o dos outros agricultores porque possui a garantia de que o seu produto é orgânico, mesmo não sendo certificado. Gostaria de ter seu espaço próprio para poder divulgar melhor os seus produtos, pois tem outros agricultores que dizem que seus produtos são orgânicos, mas não são.

Pelo relato deste entrevistado fica evidente sua intencionalidade e também do STR como ideológica em relação a agricultura orgânica, pois é um militante da causa, conhece muito bem a trajetória da agricultura orgânica no município de Salto do Lontra, pois faz parte da mesma. Sem dúvida há uma busca por lucro com a venda dos produtos, porém a agroecologia é uma bandeira de luta e uma forma de vida para o entrevistado.

Agricultores orgânicos

Neste trabalho apresentamos 3 dos 5 agricultores que trabalham com a agricultura orgânica no município de Salto do Lontra.

A primeira família é a de **E.F.** residem na comunidade São Luiz, a propriedade é totalmente orgânica e possui 17 ha. Na Unidade de Produção e Vida Familiar – UPVF, moram 5 pessoas. A fonte de renda é proveniente de atividades agrícolas e uma aposentadoria. A gestão da UPVF é familiar, e apenas a família trabalha na propriedade, de modo que não contratam mão de obra. Quando questionados sobre o que compreendem por Agricultura orgânica e Agroecologia dizem ser a agricultura sem uso de defensivos químicos.

Trabalham com a produção orgânica desde 1999. No início da produção quem auxiliou foi o irmão de E. F, e atualmente recebem assistência técnica da empresa Gebana. Optaram por essa forma de produção para deixarem o uso de agrotóxicos, pois causavam muita dor de cabeça e mau cheiro.

Como objetivos da agricultura orgânica, pretendem aumentar o cultivo de produtos, continuar produzindo e acreditam que vai melhorar. Produzem compostagem orgânica para horta na propriedade e quanto aos insumos externos adquirem sementes, adubos e medicamentos da Gebana, mudas do mercado do produtor e medicamentos naturais para combater as pragas (óleo de nim).

Não abandonaram nenhuma atividade agrícola e após a inserção na agricultura orgânica passaram a produzir soja e trigo. Após a conversão para a agricultura orgânica a renda familiar aumentou, e observou-se a redução de gastos, principalmente insumos.

Quanto às vantagens e possibilidades da agricultura orgânica, apontam a não contaminação por não utilizarem agrotóxicos e o melhor preço dos produtos. Quanto às dificuldades apontam que a capina manual, e as pragas são difíceis de combater apenas com o uso de insumos naturais. Apontam que faltam equipamentos na agricultura orgânica principalmente para a limpa. Para melhorar a produção e comercialização dos alimentos orgânicos/agroecológicos apontam que seria necessário

aumentar o número de financiamentos, auxílios aos produtores, maiores investimentos em medicamentos naturais que combatam as pragas, divulgar a produção, e palestras para consumidores e produtores para conhecimento das vantagens de se produzir e consumir um produto orgânico.

Produzem, milho, soja, trigo, hortaliças, frutas, leite, suíno, queijo, tudo orgânico. Destes comercializam Soja, trigo, leite, queijo. O trigo e a soja são comercializados na Gebana, e certificados pela empresa, o leite na CLAF e o queijo na COOPAFI. Desta forma apontam como entidades parceiras a Gebana através da assistência técnica, mas são associados no STR, CRESOL, CLAF e associação da comunidade. Também realizaram cursos de capacitação com o SENAR e Gebana.

Fizeram financiamento para adquirir o trator, plantadeira, direção hidráulica, pneus, fonte, através da CRESOL. A propriedade tem SISLEG, captam água de poço e da rede pública, não tem problemas com falta e qualidade da água. A água utilizada é destinada a uma fossa sem pedras, o lixo orgânico é utilizado como adubo, para os dejetos animais possuem esterqueira.

A situação dos solos é boa e para conservação fazem Curvas de nível, Adubação verde/ para o milho, Rotação de culturas (trigo, milho e soja).

Nesta família observamos tanto a intencionalidade ideológica quanto a econômica, pois apesar de produzirem orgânicos para aumento da renda, no caso do trigo e soja, também produzem alimentos para consumo e comercialização.

F. P e família

A família reside na Vila Rural e é composta por 5 adultos. A UPVF possui apenas 5.180 m² e é totalmente orgânica. A renda familiar é proveniente de atividades agrícolas e de uma aposentadoria. A gestão da UPVF é familiar. As cinco pessoas, são adultas e trabalham na propriedade, não contratando mão de obra. Quando questionados sobre o que é agricultura orgânica, respondem que é não usar agrotóxico e trabalhar para salvar a natureza e em prol da saúde. Sobre a agroecologia assinalam que esta trabalha com a mata ciliar e a agricultura orgânica com alimentos.

Trabalham com a produção orgânica há 11 anos. Aprenderam através de cursos oferecidos pela EMATER. Optaram por esse sistema através de um projeto da EMATER. Receberam incentivos do projeto e também era associado na COOPAFI (sócio fundador). Como objetivos com a agricultura orgânica apontam a saúde do produtor e do consumidor.

Produzem na UPVF mudas de mandioca, batata-doce, compostagem (esterco e capim) e caldas. Adquirem fora sementes de couve, alface, beterraba, mudas de hortaliças orgânicas e compostagem orgânica.

Após inserção na agricultura orgânica deixou de plantar pepinos para a empresa Cantu, pois não havia valorização do produto. Passaram a produzir mais hortaliças e outros produtos, e

construíram uma estufa com gotejamento. Após a conversão para a agricultura orgânica a renda familiar melhorou. Houve a redução de gastos principalmente com insumos. Como vantagens apontam a saúde, e a procura dos consumidores, pelos produtos orgânicos. Como dificuldades dizem que a produção é mais demorada, e ocorre maior ataque de pragas que provocam doenças. Para cultivar os produtos utilizam enxada, picão, máquina manual de borrar. Mas gostariam de ter uma tobata para fazer canteiros.

Para melhorar a produção e comercialização dos alimentos orgânicos/agroecológicos dizem que ainda sofrem com a falta de assistência técnica e acompanhamento. O custo do super magro é alto e a área de plantio é pequena. Precisariam melhorar as condições financeiras e ter uma propriedade maior, para poder garantir quantidade e preço. Cultivam de forma orgânica: milho, mandioca, cenoura, pepino, alface, repolho, beterraba, brócolis, cana, pão-de-açúcar, suíno, açúcar mascavo. Os produtos convencionais são aves caipiras e de granja. Comercializam milho, mandioca, cenoura, pepino, alface, repolho, beterraba, brócolis, cana, pão-de-açúcar, para população em geral, restaurantes, lanchonetes e para o PAA e PNAE. Não possuem certificação, mas destacam ser importante ter, pois ganhariam mais na venda e comercialização dos produtos.

Apontam como entidades parceiras a EMATER, ASSESSOAR, COOPAFI, STR. Participaram de cursos de capacitação e palestras realizadas pela EMATER e Prefeitura Municipal. Não realizam financiamento e também não possuem SISLEG, pois a Vila Rural possui reserva em conjunto.

A captação de água é da rede pública e de um poço. Nunca tiveram problemas com falta e qualidade de água. Quanto ao destino das águas e esgoto, relatam que a água do tanque utilizado para lavagem de roupas vai para o solo, a água da cozinha, vaso sanitário e do chuveiro vai para a fossa séptica. Utilizam o lixo orgânico direto como adubo e compostagem. Os dejetos animais são utilizados como adubo. O solo está bem conservado, realizam adubação e cobertura verde.

Esta família apesar de considerar os benefícios da agricultura orgânica, tem como objetivo principal na produção o aumento da renda. Assim, a principal intencionalidade com a agricultura orgânica é econômica, de modo que a autonomia familiar não é tão valorizada.

T.J e Z.S.

Reside apenas o casal na comunidade 1º de maio. A propriedade é de 6,05 ha e totalmente orgânica. As fontes de renda da UPVF consistem em atividades agrícolas, fabricação de massas e salário de presidente do STR. A gestão da UPVF é realizada pelo casal e não contratam mão de obra. Quando questionados sobre o que é agricultura orgânica, respondem que é o local onde se planta uma parte convencional e a outra de forma orgânica. Já a Agroecologia, para eles, é ampla. Proteger a natureza para ela retribuir. É saúde, proteção, bem estar.

Trabalham de forma orgânica desde 1983. Aprenderam através das próprias experiências. Como objetivos em produzir orgânicos buscam melhorar a qualidade de vida da família e dos consumidores e até que tenham condições, cultivarão desta forma.

Utilizam na lavoura e nos canteiros o esterco de bovino produzido na propriedade, urina e super magro. Compram as sementes da Enatur, mudas da Enatur e da Assesoar, além de vizinhos.

Após inserção na agricultura orgânica deixaram de produzir soja e fumo. Dizem que a renda aumentou e os gastos com insumos externos diminuíram. Como vantagens apontam o custo menor da produção, possibilidade de utilizar recursos próprios, cumprir a demanda de produtos orgânicos. Como dificuldades apontam a falta de mão-de-obra; dificuldade de encontrar adubo orgânico e os recibos que precisam para as necessidades do programa de financiamento PRONAF; falta de seguro em caso de perda da produção (tem que fazer um seguro pessoal); falta na Cresol de uma linha de investimento diferenciada para promover, através de recursos, a área da agricultura orgânica (é a Central do Banco que estabelece as linhas de crédito). Gostariam de ter um Trator tobata para puxar os produtos e fazer os canteiros.

Para melhorar a produção e comercialização dos alimentos orgânicos, enfatizam a necessidade de baixar o preço da mão-de-obra e de incentivar as pessoas a produzir de forma orgânica e saudável. A esse respeito, a pastoral teria que fazer (como já fazia no passado) cursos de medicina tradicional, promovendo chá e pomadas naturais. A conscientização da população no município é considerada um dos instrumentos possíveis para vender a um preço mais relevante. Isso, junto com o abastecimento de um nível maior de produção no mercado, poderia melhorar o aspecto comercial da produção orgânica. Infelizmente, porém, no inverno há um problema de abastecimento no mercado de hortaliças.

De forma orgânica produzem milho, feijão, mandioca, olerícolas (repolho, cebola, alface, couve-flor, beterraba, chicória, brócolis e cenoura, alho); frutas como banana, pêsego, laranja, bergamota, poncan, jabuticaba, manga, uva, figo, melancia, morango, maçã, carambola e acerola; café e amendoim, tempero de cebola e comercializam todos estes produtos. Também produzem bolachas, pães, doces, massa de alho, mel, aves caipiras, aves granja, suínos, leite, geléias, café; ervas medicinais; requeijão, salame. Comercializam na Coopafi, feira, CLAF e o mel em Curitiba e em Santa Catarina. Pães e Bolachas na merenda escolar.

As entidades parceiras são a COOPAFI, CLAF, ASSESOAR Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Cresol, associação da comunidade. Estão sempre participando de cursos e palestras. Fizeram financiamento para adquirir um resfriador e duas novilhas.

Em relação à parte ambiental, possuem SISLEG, captam água de poço e nunca tiveram problemas com falta e qualidade da água consumida. Para destinação das águas e esgoto possuem

Fossa séptica. O lixo orgânico e dejetos animais são utilizados como adubo. O solo é protegido com cobertura verde, aveia, azevem e avicá.

Podemos afirmar que esse casal de agricultores tem uma intencionalidade eminentemente ideológica, pois para eles a agricultura orgânica vem em primeiro lugar para benefício da saúde tanto do produtor como dos consumidores. A agroecologia é um modo de vida, apesar da comercialização dos produtos ser importante para a renda familiar. No entanto, em termos de consumo, a família produz a maior parte dos alimentos que consome. O casal é uma referência em agroecologia no município, tendo também atuação em entidades da agricultura familiar.

Considerações

São diversos os sujeitos envolvidos com a produção de alimentos orgânicos no município de Salto do Lontra, produção esta que envolve as dimensões econômica (produção, processamento e comercialização), ambiental, social, política e ética. Ao ter como foco neste trabalho as intencionalidades dos sujeitos que trabalham com a agricultura orgânica desenvolvida em Unidades de Produção e Vida Familiares, pudemos apreender os objetivos (explícitos e implícitos) em relação a essa forma de agricultura, considerando a atuação de agricultores, técnicos gestores, entidades (EMATER, CRESOL, CLAF, STR, COOPAFI) nas diversas relações que estabelecem no território.

Procuramos com essa proposta, dialogar com o conceito de intencionalidades, entendendo que o conhecimento geográfico pode contribuir na busca de integração entre conhecimentos científicos e tradicionais, em virtude de sua perspectiva multidimensional, conforme apontado por Saquet (2011). Optamos por discutir as intencionalidades que são eminentemente econômicas, aquelas que também carregam uma perspectiva ideológica em relação à agroecologia como uma relação mais harmônica com a natureza, assim como aqueles que possuem uma intencionalidade mais política, pelo fato de elogiar a iniciativa da agricultura orgânica e da agroecologia, mas não efetuando ações que contribuam para a mesma.

Sabemos que existem outros elementos e características que podem ser considerados para a elaboração de tipologias relacionadas à agricultura orgânica e à Agroecologia, pois a realidade é multifacetada e complexa, mas as intencionalidades são fundamentais na configuração de objetos e ações, e conseqüentemente, no uso do território e na transformação do espaço. Elas influenciam a materialidade dos lugares, assim como as verticalidades e horizontalidades presentes nos lugares.

Na tentativa de diferenciar a intencionalidade econômica, dividimos esta em *intencionalidade econômica capitalista*, onde o lucro e a acumulação são os objetivos principais e onde predomina uma lógica de crescimento constante da produção e da empresa; e *intencionalidade econômica básica*, onde o principal objetivo é a sobrevivência da família e sua qualidade de vida. Nesta, busca-se o lucro,

porém, sobretudo a manutenção da família no campo e na agricultura. Como podemos observar nos relatos dos agricultores e técnicos, as *Unidades de Produção e Vida Familiares orgânicas* podem ser gerenciadas tanto pela *intencionalidade econômica capitalista* quanto pela *intencionalidade econômica básica*, ou mesmo por ambas.

Podemos observar que principalmente as entidades, quando trabalhadas como sujeitos, têm uma intencionalidade econômica capitalista na produção de orgânicos, pois se mostram preocupadas em alcançar meios de comercializar os produtos objetivando lucro e garantindo a venda destes. O STR é a entidade que mais se mostra preocupada com o bem estar do agricultor e do consumidores. Assim, apontamos que esta entidade tem intencionalidade mais ideológica do que econômica.

Das famílias entrevistadas temos as duas situações: uma família (T.J e Z.S) produz orgânicos com uma intencionalidade ideológica, mesclada com uma intencionalidade econômica básica. A família de E.F. iniciou a produção com a intencionalidade econômica básica, mas atualmente também demonstra uma intencionalidade ideológica. A outra família de F.P, apesar de considerar os benefícios da agricultura orgânica, possui uma intencionalidade econômica, pois o objetivo em produzir orgânicos está no aumento da renda familiar. Como podemos observar, as intencionalidades são complexas para serem apreendidas, pois por vezes estão mescladas em uma mesma UPVF, ou entidade.

REFERÊNCIAS

CANDIOTTO, L. Z. P., *et. al.* Elementos da configuração da agroecologia nos municípios de Itapejara d'Oeste, Salto do Lontra e Verê – Sudoeste do Paraná. **Revista Campo-território**. v. 7, n. 14, p.1-21, ago 2012. ISSN 1809-6271

_____, L. Z. P.; CARRIJO, B. R.; e OLIVEIRA, J. A. A Agroecologia e as Agroflorestas no contexto de uma Agricultura Sustentável. In: ALVES, A. F.; CARRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (Org.). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. SP: Expressão Popular, 2008. p. 213-232.

_____, Luciano Z. P. **Turismo rural na agricultura familiar**: uma abordagem geográfica do Circuito Italiano de Turismo Rural, município de Colombo – PR. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC. 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

JUNIOR, Nelson, E. C. Consciência, intencionalidade e intercorporeidade. **Paidéia**, 2002, 12 (22), p.97-101.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

_____, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional.** São Paulo: Hucitec, 1994.

SAQUET, Marcos, A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial.** São Paulo: Outras Expressões, 2011.

_____, Marcos *et, al.* Agricultura familiar agroecológica como alternativa de inclusão social e desenvolvimento territorial em Itapejara d'Oeste, Salto do Lontra e Verê – Sudoeste do Paraná. In: SAQUET, M. A.; DANSERO, E.; CANDIOTTO, L.Z.P. (Org). **Geografia da e para a cooperação ao desenvolvimento territorial: experiências brasileiras e italianas.** São Paulo: Outras Expressões, 2012.

ENTREVISTAS

COOPAFI - Cooperativa de Comercialização da Agricultura Familiar Integrada. **Entrevista concedida a Talita Dambros. Salto do Lontra – PR, 12 de dez. 2011.**

CRESOL - Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária. **Entrevista concedida a Talita Dambros. Salto do Lontra – PR, 12 de dez. 2011.**

FAMÍLIA FERREIRA. **Entrevista concedida a Talita Dambros. Salto do Lontra – PR, 12 de jul. 2012.**

FAMÍLIA PERON. **Entrevista concedida a Talita Dambros. Salto do Lontra – PR, 12 de jul. 2012.**

FAMÍLIA SANTOS. **Entrevista concedida a Suzana Gotardo de Meira. Salto do Lontra – PR, 12 de jul. 2012.**

SECRETARIA DE AGRICULTURA. **Entrevista concedida a Talita Dambros. Salto do Lontra – PR, 12 de nov. 2011.**

STR - Sindicato dos Trabalhadores Rurais. **Entrevista concedida a Talita Dambros. Salto do Lontra – PR, 12 de dez. 2011.**